



Boas Vindas

Pedro Queiroz Pereira

Presidente do Conselho de Administração do Grupo Portucel Soporcel

“Biodiversidade, um valor com futuro”

O Grupo Portucel, formal e nominalmente iniciado com a nacionalização do capital nacional das indústrias portuguesas privadas produtoras de celulose, em Julho de 1976, tem, em rigor, raízes sólidas e bem mais antigas.

Elas situam-se nas (ex) - Celuloses do Guadiana, na Celulose do Norte – Celnorte, na Celulose do Tejo – Celtejo, na Sociedade Industrial de Celulose-Socel e na verdadeira universidade da indústria portuguesa que foi a Companhia Portuguesa de Celulose – CPC.

Foi exactamente na CPC, na fábrica de Cacia, que pela primeira vez no Mundo, se começou a produzir, em 1957,



pasta branqueada para o fabrico de papel a partir do eucalipto, pelo processo “kraft” (ao sulfato).

Nessa época, a fábrica, inaugurada em 1953, que testou em laboratório, em 1956, aquela novíssima tecnologia era liderada pelo meu Avô, Eng.º Manuel Santos Mendonça.

A partir daí e com a dinâmica que sempre se associa ao sucesso, a indústria portuguesa de celulose procurou garantir a existência de plantações de eucalipto, quer próprias quer da Produção Florestal privada não industrial que fossem capazes de alimentar a capacidade instalada.

Os silvicultores, técnicos, capatazes e trabalhadoras e trabalhadores rurais que se lançaram a tal tarefa limitavam-se, num primeiro tempo, a imitar as práticas e as experiências dos Serviços Florestais, e não seria justo, nesta fugaz viagem pelo passado recente, não recordar aqui o técnico, a pessoa e a visão do Eng.º Silvicultor Ernesto Goes a quem a indústria e o País tanto ficaram a dever.



A partir daí a crescente integração das preocupações ambientais na actividade dos florestais portugueses (é bom recordar que foram os Serviços Florestais que primeiro criaram o pioneiro Parque da Peneda Gerês, bem antes de existirem a Secretaria de Estado ou o Ministério do Ambiente ...) fizeram com que as plantações de eucaliptos (que uns chamaram “industriais” e outros apelidaram de “comerciais”) começassem a integrar em si a conservação e a defesa dos bens naturais em presença.

Permito-me lembrar, apenas a título de exemplo, as preocupações ambientais da Portucel na envolvente do habitat do lince ibérico, na Serra da Malcata, o carinho e cuidado com o verdadeiro museu vivo que constitui o arboreto da Quinta de S. Francisco, no Eixo, em Aveiro e cujo repositório de biodiversidade e convivência com os eucaliptos estão expressos no livro “Aves e Eucaliptos da Quinta de S. Francisco” que hoje, com o maior prazer, vos oferecemos e o trabalho pioneiro e desinteressado dos técnicos da Soporcel, em Castelo Branco, que providenciavam carcaças de animais para a alimentação das populações de abutres, ainda bem



antes do estabelecimento da Área Protegida do Tejo Internacional.

Tudo isto para dizer que a “descoberta” da biodiversidade, nos anos mais recentes e após a Conferência do Rio em 1992, não apanhou a indústria portuguesa papeleira distraída.

E foi, depois, no caminho natural que se seguiu à introdução do conceito de “certificação florestal” que a indústria em geral e a Portucel em particular aprofundaram e consolidaram sem relutância as suas preocupações em termos de biodiversidade.

Sabemos que os objectivos da Convenção para a Biodiversidade, assinada em Janeiro de 1992, são a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável dos seus componentes e a partilha equitativa dos seus benefícios. E temos a noção que tais objectivos irão, previsivelmente, afectar todos os sectores empresariais através da restrição do acesso a longo prazo a solos e recursos biológicos, da imposição de avaliações mais



exigentes de impactes ambientais e da introdução de restrições ao comércio de produtos biológicos.

E tudo isto quando a indústria dos produtos florestais em geral e a indústria papelreira em particular, enfrentam, num mundo em explosão demográfica, um desafio empolgante: Produzir mais e melhor, respeitando o Ambiente e garantindo a sustentabilidade da floresta que lhe está a montante.

A caminho de uma Terra com nove mil milhões de habitantes, no ano de 2050, importa pois produzir quantidade, com qualidade e, especialmente, plantar hoje a floresta de amanhã.

É o que o grupo Portucel tem procurado fazer:

Melhoramos continuamente a qualidade da gestão dos espaços florestais que gerimos (para tal temos as nossas florestas certificadas e orgulhamo-nos de praticar e difundir as melhores práticas silvícolas), investimos cerca de 900 milhões de euros em novos e sofisticados equipamentos de produção



industrial e de energia (como é caso recente da nossa fábrica de papel em Setúbal onde investimos 550 milhões de euros num quadro de rigoroso respeito ambiental e de acordo com a certificação ambiental que entretanto nos foi sendo concedida), monitorizamos e controlamos os nossos efluentes de modo a minimizar o impacto no meio receptor (só nos últimos 10 anos reduzimos, por exemplo, cerca de 70% da carga orgânica emitida e 45 % do consumo específico de água por tonelada de produto). As nossas preocupações com a problemática das alterações climáticas estão bem patentes no esforço de redução dos gases com efeito de estufa: Nos últimos 10 anos as emissões de CO₂ tiveram uma redução de cerca de 60%. Produzimos mais e melhores plantas florestais (cerca de 8 milhões, por ano, das mais diversas variedades que acabam plantadas na floresta portuguesa) e florestamos e incentivamos a plantação de florestas mais sãs e mais produtivas.

Sem perder de vista a crescente procura mundial de madeira, fibra e biomassa para energia, consolidamos igualmente os nossos interesses em torno dos preços do carbono, dos



mercados para os serviços disponibilizados pelos ecossistemas e da valorização da biodiversidade.

Vivemos o presente mas queremos antecipar o futuro.

É desta maneira de estar que dá conta o recém publicado Relatório de Sustentabilidade, hoje posto à vossa disposição, organizado segundo as directrizes do GRI e pela primeira vez auditado por uma entidade externa.

Nele encontrarão os leitores interessados a razão de ser da nossa história de sustentabilidade.

Somos e queremos continuar a ser, economicamente viáveis, ecologicamente responsáveis e socialmente aceitáveis.

E julgamos que ser sustentável – porque é disso que se trata afinal – não é incompatível com os tempos de incerteza e com as disfunções sociais e económicas que hoje se vivem.



De facto, as sociedades procuram novas lideranças políticas que, na realidade, tem pouco de novo e original para oferecer ou prometer. O que coloca o mundo dos negócios (e a indústria em particular) numa situação de verdadeira igualdade com os governos: ambos precisam uns dos outros e não se percebe mesmo “quem precisa mais de quem”.

Trata-se de um momento quase único na história contemporânea, em que a necessidade de criar empregos, a urgência do crescimento económico, a luta contra as alterações climáticas, a resolução da crise energética e o apoio aos países em vias de desenvolvimento permitem ao mundo dos negócios impor aos políticos a agenda da sustentabilidade, com objectivos e calendários realistas.

O grupo Portucel está firmemente decidido a aprofundar uma ética empresarial que conduza à harmonização de interesses entre a sociedade e os reguladores, sem perder de vista as suas responsabilidades para com os accionistas e para com os stakeholders em geral.



A nova fábrica de papel em Setúbal, a nossa presença permanente e disponível nas iniciativas da sociedade civil - como é afinal este Seminário - e a desejável internacionalização das actividades do Grupo, são passos determinados nessa direcção.

Os clientes e a sociedade serão os juízes do sucesso de tal estratégia.

Em qualquer caso, o presente Seminário integra-se no convencimento da Portucel que importa, nas nossas actividades em geral, e numa indústria como a nossa, em particular, respeitar os direitos das gerações futuras e valorizar, cada vez mais, os elementos naturais.

E esses direitos e essa valorização têm de radicar no conhecimento.

É para isso que aqui estamos. Para partilhar experiências e aprender com os outros.



Porque, parafraseando Shakespeare, não queremos que os loucos conduzam os cegos.

Pedro Queiroz Pereira

Lisboa, 5 de Novembro de 2010